

WORKSHOP DE LIBRAS COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM E INCLUSÃO: PRÁTICA PEDAGÓGICA CONTEXTUALIZADA NA ETAPA DE ALFABETIZAÇÃO

WORKSHOP ON BRAZILIAN SIGN LANGUAGE AS A STRATEGY FOR LEARNING AND INCLUSION: CONTEXTUALIZED TEACHING PRACTICE IN THE LITERACY STAGE

Isaías dos Santos Ildebrand 1

Resumo: Este artigo descreve uma prática pedagógica situada que incorporou a Libras ao contexto de alfabetização de crianças ouvintes e surdas, enfatizando produções multimodais e reflexões sobre a cultura surda. Para tanto, foram realizados quatro workshops em uma escola inclusiva na região sul do Brasil, envolvendo recursos digitais, vivências de escrita, sinalização e discussões identitárias. As propostas ampliaram o contato dos estudantes com a Libras, reforçando a importância dessa língua nas aprendizagens iniciais. Ainda que permaneçam lacunas na incorporação sistemática da Libras à rotina escolar, considera-se que essa língua fortalece a valorização da diversidade e dos saberes linguísticos no percurso inicial de alfabetização.

Palavras-chave: Libras. Alfabetização. Prática Pedagógica. Cultura Surda.

Abstract: This article describes a situated pedagogical practice that integrated Brazilian Sign Language (Libras) into the literacy context of both hearing and deaf children, emphasizing multimodal productions and reflections on Deaf culture. To this end, four workshops were conducted in an inclusive school in southern Brazil, incorporating digital resources, writing experiences, sign usage, and identity-related discussions. These initiatives increased students' contact with Libras, reinforcing the importance of this language in initial learning stages. Although there remain gaps in the systematic incorporation of Libras into the school routine, it is considered that this language strengthens the appreciation of diversity and linguistic knowledge in the early literacy process.

Keywords: Brazilian Sign Language (Libras). Literacy. Pedagogical Practice. Deaf Culture.

1- Doutor em Linguística Aplicada pela Unisinos. Doutor em Psicologia pela UFRGS. Graduado em Educação Especial pela UFSM. Graduado em Matemática pela FCE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6069401373690471>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2112-0656>. E-mail: isaias.brand@gmail.com

Introdução

A educação de surdos no Brasil perpassa debates históricos sobre garantias linguísticas e culturais, tendo a Libras (Língua Brasileira de Sinais) sido reconhecida oficialmente pela Lei nº 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005. Não obstante, a presença efetiva da Libras em escolas comuns ainda se depara com múltiplos desafios, especialmente quando há apenas um ou poucos alunos surdos em uma turma majoritariamente formada por ouvintes. Em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), promover uma educação inclusiva exige adaptar conteúdos e práticas pedagógicas e valorizar as diferenças linguísticas e culturais que coexistem no ambiente escolar, assegurando o acesso de todos os estudantes a processos de ensino e aprendizagem de forma equitativa. Além disso, a inserção da Libras no processo de alfabetização de estudantes ouvintes suscita reflexões sobre o potencial de práticas pedagógicas capazes de promover uma educação efetivamente inclusiva. Ao aproximar crianças ouvintes da Libras, possibilita-se a ampliação de seus repertórios linguísticos e culturais, fomentando valores de respeito e empatia em relação às diferenças.

Paralelamente, debates sobre as modalidades de escola inclusiva e escola bilíngue de/para surdos (LACERDA; LODI, 2010; QUADROS, 2004) trazem à tona a necessidade de aprofundar como a Libras é efetivamente incorporada no cotidiano escolar. Em muitos casos, a Libras é introduzida apenas de forma pontual, relegando à criança surda a tarefa de se adaptar a um ambiente majoritariamente ouvinte. Contudo, iniciativas pedagógicas que envolvam oficinas temáticas, produção textual multimodal e uso de tecnologias digitais podem converter a Libras em uma aliada para a alfabetização dos ouvintes, ao mesmo tempo em que fortalecem a visibilidade cultural e linguística dos surdos (ILDEBRAND, 2021; KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

A prática pedagógica descrita neste artigo reflete a tentativa de superar a visão da Libras como conteúdo isolado. Trata-se de um conjunto de workshops realizados em uma escola comunitária na região sul do Brasil, integrando a língua de sinais a propostas de leitura, escrita, criação de e-book e reflexões sobre a cultura surda. Embora o contexto envolva um aluno surdo com autismo, o foco recai nas estratégias de ensino, evidenciando de que forma as atividades podem enriquecer a alfabetização das crianças ouvintes e, simultaneamente, despertar na comunidade escolar um olhar mais amplo e respeitoso em relação às questões linguísticas e culturais.

O objetivo geral deste estudo é analisar como a Libras pode ser utilizada na prática pedagógica de alfabetização de ouvintes, favorecendo uma abordagem inclusiva, plural e situada. Desdobram-se desse propósito dois objetivos específicos: (i) descrever os principais procedimentos e recursos empregados nos workshops de Libras, destacando como a língua de sinais permeou experiências de produção textual e uso de ferramentas digitais; (ii) refletir criticamente sobre a relevância cultural da Libras nesse processo, apontando possibilidades e limites de práticas que buscam valorizar a diferença linguística em um contexto de alfabetização.

Ao longo do texto, discute-se o papel da Libras na formação de um ambiente escolar mais acolhedor e na construção de uma consciência linguística que ultrapasse a mera transmissão de sinais. Parte-se de uma revisão teórica acerca da relevância da Libras para a educação inclusiva, descrevem-se as atividades propostas nos workshops e, posteriormente, analisam-se aspectos críticos relacionados à cultura surda, aos desafios de implementação da língua de sinais em contextos regulares e à potência das produções multimodais. Com isso, pretende-se contribuir para as discussões sobre alfabetização, inclusão e diversidade, reiterando o lugar de destaque que a Libras deve ocupar na formação de todos os estudantes conforme o relato situado.

Alfabetização de ouvintes em contato com a Libras: valorizando a comunidade surda na escola e aprimorando estratégias inclusivas

A presença da Libras no contexto escolar desperta discussões que transcendem a mera adoção de um componente curricular adicional. A Libras, reconhecida pela Lei nº 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, consolida-se como a língua da comunidade surda brasileira e representa um direito linguístico e cultural fundamental (VALADÃO; ALVES, 2017). Ao articular a Libras com a alfabetização de ouvintes, não apenas se amplia o repertório linguístico dos estudantes, mas também se fortalece o entendimento de que a escola é um espaço sociocultural diverso (GESSER, 2012). Nesse sentido, o desenvolvimento de práticas pedagógicas que integrem a Libras ao cotidiano dos alunos ouvintes coloca em evidência a possibilidade de promover uma educação efetivamente inclusiva, voltada à valorização das diferenças linguísticas e culturais (PEREIRA, 2009).

A distinção entre escola inclusiva e escola bilíngue de/para surdos tem sido amplamente debatida na literatura especializada (VALADÃO et al., 2016; LEMES; PAIVA, 2021). Enquanto a escola inclusiva busca oferecer subsídios para que todos os estudantes, independentemente de suas singularidades, possam aprender juntos, a escola bilíngue de/para surdos privilegia a Libras como língua de instrução e o português como segunda língua (QUADROS, 2004). Nesse modelo, a valorização da cultura surda e o contato natural com pares surdos são elementos essenciais para a constituição identitária desses estudantes (STROBEL, 2008). Por outro lado, em escolas inclusivas onde prevalecem alunos ouvintes, a oferta de Libras muitas vezes se limita a oficinas pontuais ou adaptações isoladas, sem modificar profundamente o ambiente linguístico (VALADÃO; ALVES, 2017).

Apesar de a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) enfatizar a importância de promover a diversidade e a inclusão, a concretização prática desse princípio ainda é incipiente em muitas instituições. Há escolas que contam apenas com um aluno surdo em turmas majoritariamente compostas por ouvintes, realidade na qual as práticas bilíngues podem ser insuficientes. A formação inicial e continuada dos professores não raro apresenta lacunas quanto ao ensino da Libras, gerando incertezas na aplicação de metodologias adequadas (LUIZ; FRONZA; ILDEBRAND, 2021). Desse modo, iniciativas que incorporam a Libras na rotina de crianças ouvintes podem estimular a curiosidade, a empatia e a abertura para novas perspectivas linguísticas (LEMES; PAIVA, 2021).

Dessa forma, a relevância da Libras como L2 para ouvintes é abordada por autores como Gesser (2011, 2012) e Pereira (2009), que apontam as particularidades de se ensinar uma língua visual-espacial a aprendizes de língua majoritariamente oral-auditiva. Segundo Gesser (2012), esse processo envolve lidar com aspectos gramaticais e culturais distintos, visto que a Libras se estrutura por parâmetros manuais, expressões faciais e uso do espaço tridimensional. Para os ouvintes, aproximar-se de uma língua de modalidade visuoespacial pode expandir a visão de mundo e contribuir para a adoção de uma postura mais inclusiva (PEREIRA, 2009). Contudo, o sucesso desse empreendimento depende de planejamento curricular consistente, recursos didáticos especializados e professores com formação em Libras (BRASIL, 2018).

Outro ponto que merece destaque é a cultura surda, entendida como um conjunto de práticas, valores, crenças e tradições que constituem a identidade do povo surdo (STROBEL, 2008; PERLIN, 1998). A língua de sinais desempenha o papel central de manter viva essa cultura, pois é o principal meio de transmissão de conhecimento entre gerações (SKLIAR, 1998). Quando a escola reconhece a surdez não como deficiência, mas como diferença linguística e cultural, passa a valorizar a Libras como língua de instrução e de interação. Tal reconhecimento favorece uma postura que não se restringe à inclusão nominal do aluno surdo, mas que viabiliza a construção de espaços de socialização e aprendizagem para toda a comunidade escolar (VALADÃO; ALVES, 2017).

Em consonância com esses pressupostos, práticas pedagógicas que explorem múltiplas linguagens têm sido defendidas por autores como Ildebrand (2021), Kress e Van Leeuwen (2006) e Giovani e Souza (2023). A multimodalidade, compreendida como a combinação de diferentes modos semióticos — oralidade, escrita, imagens, gestos e, no caso das línguas de sinais, os parâmetros manuais e expressões faciais —, pode enriquecer o processo de alfabetização (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Nesse cenário, integrar a Libras a projetos pedagógicos, atividades lúdicas e recursos tecnológicos (como o Wordwall e plataformas de criação de e-books) incentiva o desenvolvimento de múltiplas competências, possibilitando

que crianças ouvintes percebam a língua de sinais como meio legítimo de comunicação, e não meramente como um “código” auxiliar (ILDEBRAND, 2021).

Ferreiro (2001) e Giovani e Souza (2023) frisam ainda a importância de considerar a leitura e a escrita como objetos culturais com função social. No contexto bilíngue, essa perspectiva é ampliada quando se reconhece que o aprendiz pode lidar com diferentes línguas e modalidades de linguagem. Nesse sentido, a alfabetização de ouvintes em contato com a Libras expõe os alunos a novos modos de representação, promovendo exercícios de reflexividade sobre suas próprias práticas de leitura e escrita (LUIZ; FRONZA; ILDEBRAND, 2021). Além disso, incentiva o respeito à pluralidade linguística dentro de sala de aula, sobretudo ao compreender que a Libras não é apenas um apoio ou ferramenta, mas uma língua legítima, estruturada e carregada de significados culturais (PEREIRA, 2009).

Em experiências relatadas por Valadão et al. (2016) e Lemes e Paiva (2021), o ensino de Libras para crianças ouvintes, mesmo que de modo inicial, reforçou a empatia e a colaboração entre colegas de sala, contribuindo para a receptividade às diferenças. Porém, esses mesmos estudos indicam a necessidade de ações mais abrangentes, envolvendo gestores, professores, familiares e a comunidade surda, de modo a garantir que a interação em Libras não se limite a momentos esporádicos. A participação de educadores surdos, por exemplo, favorece práticas bilíngues, oferecendo aos alunos ouvintes um contato real com a língua de sinais em situações de comunicação natural (GESSER, 2012). Dessa maneira, a escola passa a vivenciar efetivamente a diversidade linguística, não apenas como discurso, mas como prática diária.

Ao adotar esse olhar ampliado, torna-se crucial atentar às condições reais de cada instituição escolar. Quando há apenas um aluno surdo, o risco de isolamento linguístico é grande se não houver ajustes efetivos no projeto pedagógico (SKLIAR, 1998). A adoção de oficinas de Libras, aliada ao uso de tecnologias digitais para produção de materiais multimodais (ILDEBRAND, 2021), contribui para envolver as crianças ouvintes num aprendizado ativo e colaborativo, ao mesmo tempo em que fortalece a presença social e comunicativa do aluno surdo. Contudo, é preciso avançar em reflexões sobre práticas culturais como a atribuição de sinais pessoais, normalmente concedida por membros da comunidade surda, e sobre políticas institucionais que garantam a continuidade dessas iniciativas. Assim, o ensino de Libras na alfabetização de ouvintes pode se constituir em estratégia inclusiva e promotora de cidadania linguística, mas requer engajamento coletivo e fundamentação teórica sólida para alcançar transformações de fato significativas no ambiente escolar.

Com base nas revisões teóricas suscitadas, a seguir, o trabalho descreve o relato de experiência que abordou a utilização da Libras, língua da comunidade surda, como recurso na alfabetização de ouvintes por meio de workshops. A inserção da Libras nos workshops visou promover a valorização da cultura surda, aprimorar as estratégias inclusivas e proporcionar uma formação mais abrangente para os estudantes.

Workshop de Libras: práticas contextualizadas na alfabetização

Este relato de experiência detalhada o desenvolvimento de 4 workshops envolvendo a Libras no contexto de alfabetização de estudantes matriculados em uma escola localizada na região metropolitana de Porto Alegre. A escolha pelo relato de experiência se baseia na compreensão de que ele é uma narrativa que abarca experiência vivida, contexto cultural e temporal, ao mesmo tempo em que se apoia em fundamentos teóricos que conferem legitimidade ao fenômeno estudado (DALTRO, FARIA, 2019). A abordagem adotada para descrever a experiência recorre a uma perspectiva documental, utilizando dados secundários que ainda não foram explorados em outras análises (GIL, 2008, 2010). Os documentos selecionados para a composição deste relato incluem o plano de aula que descreve os workshops conduzidos por um professor alfabetizador, bem como registros fotográficos (figuras) das produções e das tarefas organizadas nas propostas de aprendizagem.

É importante ressaltar que o viés descrito no relato está ancorado nas ações e produções desenvolvidas durante os workshops, e foi conduzido de acordo com as considerações éticas estabelecidas pela Resolução nº 510, que delimita as normas aplicáveis em estudos nas Ciências Humanas e Sociais. Consequentemente, o trabalho não foi submetido à avaliação dos

Comitês de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP), uma vez que se refere a atividades realizadas com finalidade educacional, de ensino e treinamento, e não com propósito de pesquisa científica, envolvendo estudantes de graduação, cursos técnicos e profissionais em especialização (Brasil, 2016, p. 2), para tanto o foco do relato se sobressai sobre as produções realizadas no workshop.

Os workshops foram desenvolvidos em uma escola comunitária localizada na região sul do Brasil, em um contexto de alfabetização multisseriado, atendendo estudantes do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais no primeiro semestre de 2023. Neste ambiente educacional, o foco principal era proporcionar uma aprendizagem significativa aos alunos, visando o contato com a Libras em consonância com práticas inclusivas. A equipe responsável pelos workshops era liderada por um professor alfabetizador com ampla expertise em Libras, buscando fortalecer a inclusão de um estudante autista surdo no grupo. O contexto de aprendizagem contava com uma estrutura favorável para a realização dos workshops, tendo em sala de aula auxiliares de ensino para oferecer suporte aos alunos e (tentar) garantir uma educação inclusiva. Além disso, a escola dispunha de uma infraestrutura adequada, possibilitando a realização de aulas diversificadas e a utilização de tecnologias para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem.

A inclusão de um estudante autista surdo no grupo reforçou a importância de adaptar as aprendizagens, utilizando a Libras como estratégia pedagógica para atender às necessidades específicas desse aluno e tentar ampliar a comunicação dos estudantes ouvintes, enfatizando a relevância de abordagens inclusivas e recursos de comunicação acessíveis por meio dessa língua visuoespacial. Nesse contexto de alfabetização, os workshops foram concebidos como uma ferramenta para promover a interação dos alunos com a língua de sinais, ampliar suas habilidades comunicativas e estimular a conscientização sobre a cultura surda. A utilização da Libras como estratégia de ensino se mostrou uma abordagem significativa para facilitar o processo de alfabetização e promover a inclusão plena de todos os estudantes envolvidos naquela situação e contexto de aprendizagem.

No Quadro 1, apresenta-se uma descrição do primeiro workshop de Libras e o que foi desenvolvido. Inicialmente, houve uma conversa inicial sobre Libras e cultura surda, com o objetivo de conscientizar os estudantes sobre a importância da Língua Brasileira de Sinais e a cultura surda. Durante essa etapa, os alunos compartilharam suas experiências e conhecimentos prévios sobre o assunto. Em seguida, os estudantes conheceram o alfabeto manual, aprendendo os sinais correspondentes a cada letra e aprimorando suas habilidades motoras finas. Esse workshop inicial buscou dois objetivos introdutórios:

- Promover a conscientização sobre a cultura surda e a importância da comunicação por meio da Libras, estabelecendo uma base de conhecimento que permita aos estudantes compreender a relevância da inclusão e da acessibilidade para pessoas surdas em diferentes contextos sociais e educacionais.
- Capacitar os estudantes no uso do alfabeto manual da Libras, fornecendo-lhes as habilidades necessárias para a comunicação básica por meio de sinais, aprimorando suas competências motoras finas e possibilitando a troca de informações com pessoas surdas em situações cotidianas. Além disso, o aprendizado do alfabeto manual servirá como ponto de partida para futuros estudos mais aprofundados da Libras, incentivando o interesse dos alunos em aprender e se envolver com a cultura surda de forma mais ampla.

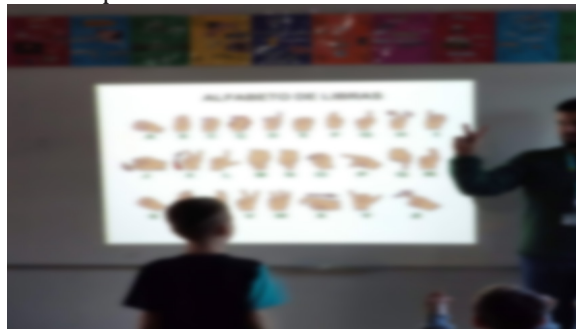
Quadro 1. Workshop de Libras: Primeiros contatos com a língua da comunidade surda

ETAPAS	DESCRIÇÃO
Conversa inicial sobre Libras e cultura surda (15 min)	Durante a etapa inicial do workshop, foi realizada uma conversa envolvendo os estudantes sobre surdez e a Língua Brasileira de Sinais (Libras). O objetivo era promover a conscientização sobre a cultura surda e a importância da comunicação por meio da Libras. Iniciou-se questionando os estudantes se eles já haviam tido alguma experiência anterior com a Libras ou se conheciam alguém surdo em seu convívio. Essa abordagem permitiu que os alunos compartilhassem suas percepções e experiências, criando um ambiente acolhedor para o diálogo e estabelecendo uma base de conhecimento que serviria como ponto de partida para as atividades subsequentes do workshop. Ao incentivar a reflexão sobre a surdez e a importância da Libras, essa conversa inicial despertou o interesse dos alunos e criou uma atmosfera propícia para a aprendizagem e o engajamento ao longo de todo o processo do workshop.
Conhecendo o alfabeto manual (45 min)	Na etapa seguinte do workshop, após a conversa inicial sobre surdez e Libras, o professor introduziu o alfabeto manual aos estudantes. Essa ferramenta se mostrou crucial para familiarizá-los com os sinais básicos da Língua Brasileira de Sinais. Os alunos aprenderam os sinais correspondentes a cada letra do alfabeto, para se comunicar com esse recurso. A medida que praticavam, suas habilidades motoras finas foram aprimoradas, e a conexão com a cultura surda e a importância da Libras pode ser introduzida. Essa fase inicial do workshop estabeleceu uma base sólida para o desenvolvimento das atividades posteriores, permitindo que os estudantes se sentissem confiantes e entusiasmados em aprender mais sobre o alfabeto manual.
Sinalizando o próprio nome e o nome do colega (15 min)	Na etapa final do workshop, o professor orientou os estudantes a colocarem em prática o que aprenderam, desafiando-os a sinalizarem seus próprios nomes e os nomes dos colegas. A fim de reforçar esse aprendizado, cada estudante recebeu uma impressão do alfabeto manual, servindo como um recurso prático para futuras práticas e consolidação do conhecimento adquirido.

Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Além de abordar as etapas do workshop no Quadro 1, a Figura 1 ilustra um momento em que o professor projeta o alfabeto manual na sala de aula, apresentando-o aos estudantes. Esse momento foi preliminar para familiarizar os alunos com os sinais básicos da Libras, proporcionando-lhes uma experiência visual e interativa que estimulou o aprendizado e o interesse na cultura surda. A projeção do alfabeto manual na sala de aula facilitou a compreensão dos sinais. Vale destacar que os estudantes estavam sentados em círculo, o que facilitou a visualização dessa língua na sala de aula.

Imagem 1. Professor apresentando o alfabeto manual aos estudantes



Fonte: Acervo documental do professor alfabetizador (2023)

No Quadro 2, destaca-se uma descrição do segundo workshop de Libras, com foco na retomada do alfabeto manual, aprendizagem dos numerais até 10 e elaboração do sinal pessoal. O workshop teve início com um jogo no Wordwall, onde os alunos revisaram o alfabeto manual associando cada sinal às respectivas letras. Nesse workshop, objetivou-se:

- Fortalecer o aprendizado e a familiarização dos estudantes com o alfabeto manual da Libras, por meio de atividades lúdicas e interativas, como o jogo no Wordwall e consolidar o conhecimento prévio dos sinais, bem como reforçar as habilidades de reconhecimento visual e coordenação motora fina, contribuindo para que os alunos se sintam mais confiantes e engajados em sua jornada de aprendizagem da Libras.
- Expandir a comunicação dos estudantes em Libras além das palavras individuais, incluindo conceitos numéricos essenciais de 1 a 10. Ao retomar o alfabeto manual e introduzir a aprendizagem dos numerais em Libras, possibilitou-se que os alunos utilizassem a Libras para expressar e compreender informações numéricas, ampliando suas capacidades comunicativas e aplicando a Libras em contextos mais diversificados.

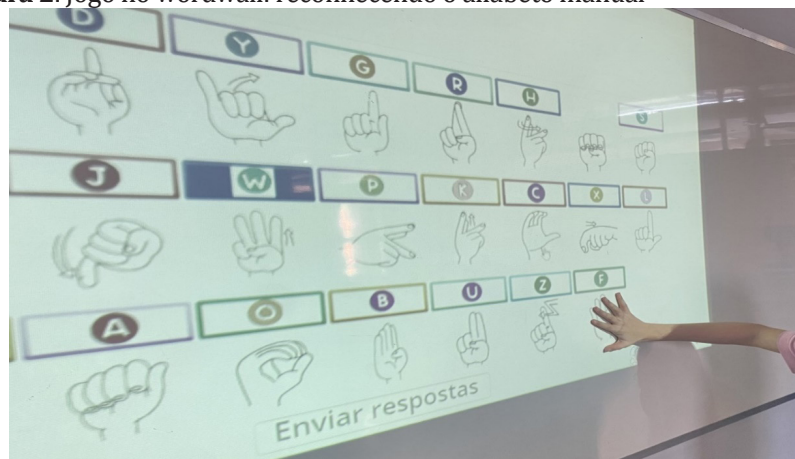
Quadro 2. Workshop de Libras: Retomando o alfabeto manual, aprendendo os numerais até 10 e elaborando o sinal pessoal

ETAPAS	DESCRIÇÃO
Jogo no Wordwall (25 min)	No início do segundo workshop, os estudantes foram recebidos com o desafio apresentado pelo professor: revisar o alfabeto manual por meio de um jogo no Wordwall. Na sala, o quadro projetou letras e os alunos usaram o alfabeto manual para associar cada sinal à respectiva letra conforme a Figura 2. Essa atividade lúdica proporcionou uma forma divertida e interativa de consolidar o aprendizado prévio do alfabeto manual, ao mesmo tempo em que aprimorou suas habilidades de reconhecimento visual e coordenação motora fina. O jogo no Wordwall pode fortalecer a compreensão dos estudantes sobre o alfabeto manual, mas também promoveu uma atmosfera positiva e cooperativa, reforçando o engajamento e a confiança dos alunos em sua jornada de aprendizagem da Libras.
Retomada do alfabeto manual e aprendizagem dos numerais até 10 (20 min)	Na sequência, o professor promoveu a retomada do alfabeto manual, consolidando o aprendizado anterior e reforçando a familiarização dos estudantes com esses sinais da Libras. Em seguida, foi introduzida a aprendizagem dos numerais em Libras, abrangendo os números de 1 a 10. Essa etapa do workshop permitiu que os alunos expandissem sua comunicação em Libras além das palavras e nomes individuais, avançando para conceitos numéricos essenciais.
Meu sinal pessoal (15 min)	Por conseguinte, foi a vez de conversar sobre o “sinal pessoal”. O professor conduziu uma atividade na qual compartilhou o sinal que lhe foi atribuído, enfatizando que, na cultura surda, cada indivíduo possui um nome sinal exclusivo, escolhido por pessoas surdas. Ainda que, neste momento, os estudantes tenham sido convidados a “criar” seus próprios sinais para fins didáticos, é importante sublinhar que, tradicionalmente, o batismo ou atribuição de nome sinal depende da participação efetiva de membros da comunidade surda. Desse modo, cada dupla, com o apoio do professor, discutiu possibilidades de sinais que, hipoteticamente, pudessem representar cada integrante, refletindo sobre características que julgassem singulares. Ao final, cada estudante apresentou sua proposta de sinal ao grupo, compreendendo que essa vivência não substitui a prática legítima realizada pela comunidade surda, mas serve como um primeiro contato com aspectos culturais relacionados à Libras.

Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Na Figura 2, é retratado um momento do jogo no Wordwall durante o workshop. Nessa atividade, os estudantes foram desafiados a identificar a letra em língua portuguesa correspondente ao sinal do alfabeto manual e, em seguida, movê-la até o local adequado no quadro projetado. Esse jogo interativo proporcionou aos alunos uma forma diferenciada de consolidar o aprendizado do alfabeto manual em Libras. Além de reforçar o conhecimento prévio dos sinais, essa etapa do workshop estimulou o desenvolvimento das habilidades visuais e motoras finas dos estudantes, promovendo uma atmosfera de aprendizagem e cooperação.

Figura 2. Jogo no wordwall: reconhecendo o alfabeto manual



Fonte: Acervo documental do professor alfabetizador (2023)

O Quadro 3 contempla as informações referentes ao terceiro Workshop de Libras com foco em identidade e Língua de Sinais. Na primeira etapa, os estudantes selecionaram os sinais do alfabeto manual correspondentes às letras de seus nomes, com acompanhamento do professor para verificar a precisão das escolhas. Em seguida, o workshop foi alinhado estrategicamente ao Projeto Transdisciplinar do grupo já em desenvolvimento, proporcionando uma tarefa artística e reflexiva em que os alunos desenharam a outra metade do rosto a partir de fotos fornecidas, refletindo sobre sua própria identidade. Nesse workshop, os objetivos de aprendizagem se estabeleceram em:

- Estimular a identificação e familiarização dos estudantes com os sinais do alfabeto manual da Libras, por meio da atividade de selecionar os sinais correspondentes às letras de seus nomes, proporcionando aos alunos uma experiência prática e interativa de comunicação em Libras, reforçando o aprendizado do alfabeto manual e fortalecendo suas habilidades de expressão e compreensão na língua de sinais.
- Integrar o workshop em consonância com o Projeto Transdisciplinar do grupo, promovendo uma abordagem reflexiva sobre a identidade de cada aluno. Através da atividade artística de desenhar a outra parte do rosto a partir de fotos fornecidas, os estudantes são incentivados a explorar e refletir sobre sua própria singularidade e identidade, criando um ambiente de aprendizado significativo que valorize a expressão individual, promovendo a reflexão sobre a diversidade e a inclusão, e estimulando a valorização das identidades dos estudantes como parte integrante do processo educacional.

Quadro 3. Workshop de Libras: Identidade e Libras

ETAPAS	DESCRIÇÃO
Selecionando o nome com o alfabeto manual (10 min)	O professor trouxe uma caixa repleta de sinais do alfabeto manual para a sala de aula e propôs uma atividade. Cada estudante foi convidado a selecionar cuidadosamente os sinais correspondentes às letras de seus nomes. Após a seleção dos sinais, o professor acompanhou para verificar se a seleção estava correta e de acordo com o nome dos estudantes.

Tarefa em consonância com o Projeto Transdisciplinar do grupo (45 min)	Em uma etapa estrategicamente alinhada com o Projeto Transdisciplinar do grupo, o professor integrou o workshop em consonância com a temática de identidade explorada pela turma. Cada estudante recebeu uma foto contendo o lado esquerdo de seu rosto e foi desafiado a desenhar a outra parte. Essa tarefa, inserida no contexto do workshop, refletiu a proposta do projeto da turma, que buscava aprofundar-se nos aspectos da identidade de cada indivíduo. Essa perspectiva complementou a abordagem do workshop, que em uma etapa anterior já havia trabalhado com a concepção de identidade, destacando, especialmente, a seleção do sinal pessoal de cada aluno. Através dessa atividade artística e reflexiva, os estudantes foram encorajados a explorar a sua própria singularidade. A conexão entre o workshop e o projeto transdisciplinar contribuiu para a construção de um ambiente de aprendizado significativo, valorizando a expressão individual e promovendo a reflexão sobre a importância da inclusão e do respeito à identidade de cada aluno.
Exposição da tarefa na sala de aula (5 min)	Ao término do workshop, a sala de aula foi transformada em uma exposição repleta de criatividade e significado. Cada estudante recebeu uma folha colorida para exibir sua produção artística, consistindo no desenho da outra parte do rosto a partir da foto fornecida anteriormente. Logo abaixo de cada foto, eles tiveram de colar seus nomes em sinais do alfabeto manual, ressaltando a aprendizagem adquirida durante o workshop. Em um varal didático, os alunos colaram suas produções, evidenciando seus traços únicos e representativos. Essa exposição foi um reflexo do envolvimento e do comprometimento de cada aluno. Essa exposição artística não apenas consolidou o aprendizado do workshop, mas também enriqueceu a vivência dos estudantes ao valorizar suas produções individuais e promover um ambiente de aprendizado acolhedor e inclusivo.

Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

Com base na Figura 3, vale retomar que cada aluno desenhou a outra metade do rosto em uma folha de papel branco, utilizando como referência a foto que haviam recebido anteriormente. Em seguida, eles selecionaram uma folha colorida e afixaram seus nomes utilizando os sinais do alfabeto manual da Libras. As produções foram então expostas na sala, utilizando um barbante e dois pregadores, conforme ilustrado na Figura 3, criando um varal didático que valorizou a singularidade de cada estudante a fim de tentar provocar um ambiente acolhedor e inclusivo de aprendizado, reforçando a conexão entre o workshop e o Projeto Transdisciplinar do grupo.

Figura 3. Tarefa exposta na sala de aula



Fonte: Acervo documental do professor alfabetizador (2023)

Já, o Quadro 4 contempla as informações referentes ao quarto Workshop de Libras com foco na produção textual multimodal. Durante o encontro, os estudantes aprenderam sinais de saudação em Libras, aprimorando suas habilidades de comunicação cordial. Em seguida, realizaram uma atividade que conectava o aprendizado do workshop ao Projeto Transdisciplinar, escrevendo palavras significativas e apresentando-as em Libras. Posteriormente, gravaram vídeos dos sinais registrados, promovendo a troca e colaboração para aprimorar suas habilidades de comunicação. Na etapa final, os alunos utilizaram o Canva para criar um e-book coletivo intitulado “Nossos primeiros sinais”, apresentando seus vídeos sinalizando os sinais escolhidos. O e-book se tornou um valioso registro das aprendizagens do workshop, celebrando a Libras, a identidade da cultura surda e promovendo uma mensagem de inclusão e valorização da diversidade na comunidade escolar.

Vale destacar que a perspectiva multimodal, de acordo com Krees e Van Leeuwen (2006), se estabelece na construção e produção de um texto que podem envolver diferentes modos semióticos, simultâneos ou não, como palavras/sinais (no caso de línguas de sinais) orais, escrita, visual (como imagens e cores) e elementos diagramáticos e sonoros. Nesse contexto, a elaboração do e-book, que engloba palavras, sinais e vídeos, configura-se como uma produção multimodal, uma vez que integra múltiplos recursos comunicativos, oferecendo aos estudantes uma experiência de aprendizagem na expressão e compreensão da Libras.

Pondera-se, para tanto, que o Workshop traçou desenvolver habilidades capazes de:

- Provocar os estudantes e colocá-los em contato com a aquisição e o aperfeiçoamento dos sinais de saudação em Libras, proporcionando a eles uma oportunidade de aprender e praticar os cumprimentos e saudações básicas na Língua Brasileira de Sinais.
- Integrar as aprendizagens do workshop com o Projeto Transdisciplinar do grupo, incentivando os estudantes a criar uma produção textual multimodal. Ao escolher palavras significativas, sinalizá-las em Libras e gravar vídeos para o e-book coletivo, os alunos foram encorajados a expressar um sinal em Libras.

Quadro 4. Workshop de Libras: Produção textual multimodal

ETAPAS	DESCRIÇÃO
Sinais de saudação (25 min)	Nesse encontro do workshop, o professor dedicou-se ao tema dos sinais de saudação, proporcionando aos estudantes a oportunidade de aprender sinais básicos de cumprimentos e saudações em Libras. Para tanto, os alunos mergulharam nesse novo aprendizado, absorvendo sinais como “oi”, “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite” e outros sinais de cordialidade que podem favorecer sua comunicação na Língua Brasileira de Sinais.
Escrita de palavras aprendidas no workshop e Projeto Transdisciplinar (45 min)	Nessa etapa do workshop, o professor propôs uma atividade que fortaleceria ainda mais as aprendizagens dos estudantes, conectando o que foi aprendido no workshop com o Projeto Transdisciplinar. Com a perspectiva de contribuir para um e-book digital, onde todos teriam acesso aos sinais aprendidos, cada aluno escolheu uma palavra significativa e a escreveu em um pedaço de papel. Com base nas aprendizagens adquiridas tanto no workshop quanto no Projeto Transdisciplinar, cada estudante apresentou sua palavra ao grande grupo, sinalizando-a em Libras com o apoio do professor. A atividade promoveu um momento de partilha e interação, enquanto o grupo apreciava e reconhecia a diversidade de palavras selecionadas. Ao lerem as palavras em conjunto, os alunos identificaram e valorizaram as contribuições individuais, favorecendo o e-book digital que seria compartilhado como uma obra coletiva.

Gravação de vídeos e elaboração de um e-book em Libras (30 min)	Finalizada a tarefa das palavras do workshop, os estudantes tiveram a oportunidade de se expressar em Libras por meio da gravação de vídeos. O professor guiou cada aluno até uma parede branca da sala de aula, onde eles puderam registrar os sinais que haviam escrito no papel e aprendido anteriormente. Em seguida, o professor reuniu o grupo e apresentou os sinais gravados no projetor da sala. Em um ambiente de troca e colaboração, os estudantes conversaram sobre suas gravações, oferecendo feedback e discutindo possíveis melhorias nos sinais realizados. Essa atividade proporcionou uma pertinente oportunidade para aprimorar suas habilidades de comunicação em Libras, enquanto cultivavam uma maior confiança em suas expressões individuais.
Edição dos vídeos no Canva e elaboração do e-book (25 min)	Na etapa final do workshop, o professor utilizou a ferramenta de edição Canva, proporcionando uma experiência multimodal para os estudantes ao elaborarem o e-book coletivo. Cada vídeo gravado pelos alunos encontrou seu lugar no e-book intitulado “Nossos primeiros sinais”. Cada página foi organizada, apresentando o vídeo do estudante sinalizando o sinal escolhido, acompanhado de seu nome e do nome do sinal em Língua Portuguesa. O e-book se tornou um valioso registro das aprendizagens do workshop, capturando a essência da Língua Brasileira de Sinais e a expressão de cada aluno. Através dessa obra coletiva, considera-se os estudantes não apenas fortaleceram suas habilidades de comunicação em Libras, mas também celebraram sua identidade e a identidade da cultura surda, promovendo uma mensagem de inclusão e valorização da diversidade na comunidade escolar.

Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

Na Figura 4, pode-se observar uma página exemplificativa do e-book, criada no Canva, que apresenta um vídeo do estudante sinalizando uma palavra selecionada, acompanhado da escrita da palavra e do nome do estudante. Essa produção multimodal representa uma forma diferente de registro das aprendizagens, proporcionando aos estudantes uma experiência com a prática de escrita digital no processo de expressão e comunicação em Libras e língua portuguesa. O uso da ferramenta como o Canva foi eficiente para essa produção e se mostrou relevante para que o professor pudesse produzir a edição do e-book e, ao mesmo tempo, interagir com os estudantes, dialogar sobre a produção e solicitar suas opiniões.

Figura 4. Duas páginas do e-book produzido na sala de aula



Fonte: Acervo documental do professor alfabetizador (2023)

Os quatro workshops de Libras promoveram o contato com a Libras aos estudantes. As atividades incluíam conversas sobre a cultura surda, a aprendizagem do alfabeto manual e numerais, a criação de sinais pessoais, a seleção de sinais, a produção de e-book multimodal e

a gravação de vídeos para o e-book. Os workshops, para tanto, podem ser capazes de estimular a comunicação em Libras e o contato com diferentes linguagens na alfabetização.

A Libras como estratégia de aprendizagem e inclusão: reflexões críticas e práticas sobre uma língua de sinais na alfabetização de ouvintes

A descrição do conjunto de workshops apresentados revela aspectos relacionadas ao uso da Libras como estratégia de aprendizagem e inclusão, tendo em vista a realidade de uma turma multisseriada composta majoritariamente por ouvintes e um aluno surdo autista. Em primeiro lugar, ressalta-se a iniciativa de oferecer atividades que integram a língua de sinais ao processo de alfabetização, uma vez que, de acordo com Ildebrand (2021), práticas pedagógicas apoiadas em múltiplas linguagens podem ampliar o repertório comunicativo de toda a turma. Nesse sentido, o contato com Libras deixou de ser apenas um conteúdo isolado e passou a permear experiências de produção textual, uso de tecnologia digital e discussões sobre cultura surda, aproximando os estudantes de uma perspectiva de educação mais plural.

A experiência relatada sobre os workshops de Libras, desenvolvidos em uma escola da região sul do Brasil, evidencia a possibilidade de integrar a língua de sinais a diferentes propostas pedagógicas que vão além da simples apresentação de sinais ou do ensino de vocabulário isolado. Ao direcionar o foco para as práticas adotadas, percebe-se o esforço de planejar atividades interdisciplinares que inserem a Libras em momentos de leitura, escrita, uso de tecnologias digitais e reflexões sobre a cultura surda. Essa iniciativa se coaduna com o pensamento de Ildebrand (2021), que defende a apropriação de múltiplas linguagens no processo de alfabetização, tornando a escola um espaço socioculturalmente mais rico.

Uma das contribuições dos workshops foi aproximar a Libras de práticas de produção textual, alicerçadas em uma perspectiva multimodal. Conforme pontuam Kress e Van Leeuwen (2006), a multimodalidade envolve articular diferentes modos semióticos (imagem, sinais, gesto, palavra escrita, palavra falada, dentre outros) para construir significados. Nesse caso, o diálogo entre a Língua Portuguesa e a Libras impulsionou atividades, permitindo que alunos manuseassem as duas línguas em contextos de escrita e registro de sinais, ainda que em caráter inicial. Essa proposta demonstra uma ampliação das possibilidades de expressão, visto que a língua de sinais passa a ser componente essencial do evento comunicativo, e não apenas um acessório.

Outro aspecto pertinente de reflexão reside no uso de recursos digitais, como a plataforma Wordwall e a elaboração de um e-book multimodal. Tais estratégias despontam como formas situadas de aprender e praticar Libras, na medida em que inserem a língua em cenários que envolvem organização de conteúdo, criatividade e trabalho colaborativo. De acordo com Moran (2013) e Kenski (2012), as tecnologias de informação e comunicação podem favorecer a motivação discente e estimular a autonomia, desde que haja um planejamento consistente por parte do professor. No caso dos workshops, a produção de materiais digitais, associada ao registro de sinais em vídeos, colaborou para que a Libras fosse usada em uma situação efetiva de construção de conhecimento, evidenciando suas potencialidades expressivas.

Uma vez que a proposta não se restringiu à memorização do alfabeto manual ou de vocabulário pontual, a Libras deixou de ser um conteúdo estanque para se converter em fio condutor de experiências mais amplas, como a reflexão sobre identidade e a elaboração de textos multimodais. Ao retomar Ferreiro (2001) e Giovani e Souza (2023), percebe-se que a produção textual, quando inserida em práticas situadas, pode desdobrar-se em aprendizagens que extrapolam o âmbito escolar, pois envolve habilidades linguísticas, cognitivas e sociais. Ao integrar a Libras nesse processo, fomentam-se perspectivas inclusivas que abraçam a diversidade linguística e cultural, tornando a atividade de alfabetização mais plural e contextualizada.

A dimensão cultural surda, embora nem sempre aprofundada no relato, permeou as discussões por meio de questões como o “sinal pessoal” e a valorização de práticas e costumes que caracterizam a comunidade surda. Sob a ótica de Strobel (2008) e Perlin (1998), o

reconhecimento de que a Libras é intrinsecamente vinculada à cultura surda é essencial para construir um ambiente inclusivo. Assim, ao propor debates sobre hábitos, valores e modos de interação próprios do povo surdo, os workshops situam a língua no cerne de uma abordagem que vai além da técnica. Isso sugere um caminhar em direção a uma educação intercultural, em que os estudantes ouvintes são convidados a refletir sobre a alteridade e o respeito às diferenças.

Ainda quanto à cultura surda, convém salientar que o método utilizado para atribuir “sinais pessoais” não reflete plenamente a tradição de “batismo” do nome sinal pela comunidade surda. O texto, contudo, reconhece essa limitação e aponta que a atividade teve caráter didático, servindo como introdução aos aspectos culturais. O ponto positivo, nesse contexto, é a tentativa de inserir elementos da Libras que ultrapassam a esfera gramatical, ao abordar crenças e práticas cotidianas de surdos. Esse cuidado reforça a importância de articular a língua de sinais não somente como conteúdo linguístico, mas também como elemento identitário que distingue uma comunidade historicamente marginalizada (STROBEL, 2008; SKLIAR, 1998).

A proposta de e-book multimodal, em especial, revela uma estratégia pedagógica que contempla diversos recursos semióticos: vídeos, textos escritos, imagens e, possivelmente, possibilidades sonoras. Kress e Van Leeuwen (2006) defendem que a compreensão de um texto multimodal exige a combinação de múltiplas habilidades de leitura, o que enriquece a experiência alfabetizadora. Com a Libras inserida nesse cenário, há oportunidade de pensar em como o movimento, o espaço e as expressões faciais podem compor um “texto” dotado de sentido para ouvintes e surdos. Embora o relato não aprofunde as questões técnicas do SignWriting ou de outras notações gráficas, essa iniciativa sinaliza uma abertura para práticas futuras que poderiam contemplar registros mais sistemáticos da língua de sinais.

Sob a perspectiva inclusiva, as oficinas evidenciam uma mobilização de diferentes estratégias para levar os estudantes a compreender a Libras como parte do processo de aprendizagem. Valadão e Alves (2017) apontam que, em uma escola inclusiva, a mera presença de um aluno surdo não é suficiente para se falar em inclusão; é preciso garantir que a língua de sinais seja usada em situações reais de comunicação. Ainda que as oficinas sejam pontuais, sua relevância reside no fato de envolverem recursos lúdicos, discussões sobre a cultura surda e produção textual em contextos que conferem sentido às práticas de aprendizagem (LUIZ; FRONZA; ILDEBRAND, 2020). Dessa forma, o uso da Libras não se encerra em um check-list de conteúdos, mas se expande em experiências colaborativas e reflexivas.

Além disso, a escolha de um projeto de cunho transdisciplinar, em que as atividades de Libras se conectaram a outras temáticas já trabalhadas pelo grupo, fortalece o papel da língua de sinais como elemento que ultrapassa fronteiras disciplinares. Segundo Lemes e Paiva (2021), esse tipo de abordagem favorece o engajamento dos alunos e estimula a adoção de uma postura aberta às diferenças, pois os coloca em contato com situações-problema que demandam participação conjunta. O relato sugere que o workshop de Libras dialogou com o projeto de identidade que a turma vinha desenvolvendo, permitindo que a “descoberta” da Libras estivesse ancorada em reflexões sobre a subjetividade e a diversidade cultural.

No entanto, ressalta-se a importância de aprofundar determinados aspectos para consolidar a Libras como estratégia pedagógica integrada. Entre eles, destaca-se a falta de discussão sobre as condições formativas dos profissionais envolvidos e sobre as políticas institucionais que sustentariam a continuidade dessas oficinas. Gesser (2012) observa que o sucesso do ensino de Libras como L2 para ouvintes depende de professores qualificados, materiais pedagógicos apropriados e, preferencialmente, do envolvimento de surdos como protagonistas do processo educativo. Se tais elementos não são previstos no planejamento escolar, a adoção de workshops pontuais pode se tornar uma ação isolada, reduzindo seu impacto no cotidiano da escola.

Ao se examinar a promoção de práticas pedagógicas que incluem a Libras, salienta-se a relevância de problematizar a diferença entre escolas bilíngues de/para surdos e escolas inclusivas (QUADROS, 2004). Embora o relato indique uma tentativa de colocar a Libras em evidência, iniciativas como a descrita podem estimular a reflexão sobre a presença permanente da Libras, colaborando para um ambiente mais propício à construção de uma cultura e

aprendizagem inclusiva.

Em síntese, a integração da Libras às propostas pedagógicas por meio de oficinas estruturadas e multimodais revela um caminho promissor para a construção de práticas inclusivas na alfabetização de ouvintes. À luz de referências como Ferreiro (2001), Kress e Van Leeuwen (2006), Gesser (2012) e Strobel (2008), torna-se claro que ensinar Libras não significa apenas apresentar sinais, mas inserir alunos em vivências que legitimem a língua de sinais como componente cultural e comunicativo. O relato dos workshops aponta para esse direcionamento ao articular reflexões sobre cultura surda, produção textual colaborativa e exploração de tecnologias digitais, reforçando a ideia de que a Libras pode e deve transcender a condição de “conteúdo isolado”. Embora haja aspectos a serem aprimorados, sobretudo no que se refere à formação dos professores, ao respeito integral às práticas culturais surdas e à consolidação de uma política linguística robusta na escola, as atividades evidenciam a potência transformadora de uma educação que reconhece a pluralidade das linguagens em sala de aula.

Considerações finais

O presente estudo propôs-se a analisar como a Libras pode ser utilizada na prática pedagógica de alfabetização em um contexto situado, destacando de que forma oficinas estruturadas em torno de atividades multimodais e reflexões sobre a cultura surda podem contribuir para as práticas na alfabetização. Em consonância com o que defendem Gesser (2012) e Pereira (2009), o contato de crianças ouvintes com a língua de sinais amplia seus repertórios linguísticos, bem como fortalece a compreensão das diferenças culturais e identitárias. A experiência mostrou que ao inserir a Libras em propostas de leitura, escrita, produção de materiais digitais e discussões sobre a comunidade surda, a escola dá um passo fundamental para superar a ideia de que essa língua é apenas um conteúdo isolado ou restrito a alunos surdos.

A relevância de pensar práticas pedagógicas que tornem a Libras parte efetiva do processo de alfabetização está ancorada em referências como Ferreiro (2001), que destaca a dimensão social e cultural do ato de ler e escrever, e Kress e Van Leeuwen (2006), cujas reflexões sobre a multimodalidade reforçam a importância de integrar diferentes linguagens na condição humana. Nesse sentido, o planejamento de workshops que contemplam jogos digitais (por exemplo, o Wordwall), criação de e-books e discussão sobre o “sinal pessoal” aproximou os ouvintes de uma experiência diversa, levando-os ao contato com a Libras, a percebendo como uma língua dotada de valores e significados culturais (Strobel, 2008). Assim, o ato de alfabetizar passa a dialogar com práticas inclusivas, promovendo uma concepção de educação que reconhece a pluralidade linguística.

É importante sublinhar, no entanto, a necessidade de aprimorar e aprofundar ações como as descritas. Embora as oficinas tenham ampliado as possibilidades de contato com a Libras, o desafio permanece em garantir políticas institucionais e formações continuadas de professores que deem suporte à consolidação de uma escola inclusiva (Valadão et al., 2016; Lemes; Paiva, 2021). Dentre as lacunas identificadas, ressalta-se a falta de abordagem sistemática sobre os modos de atribuição de sinais pessoais e a exigência de envolver ativamente a comunidade surda em todas as etapas, de modo a respeitar suas tradições e conferir legitimidade às práticas culturais. Outrossim, pensar em estratégias que assegurem a participação cotidiana da Libras no espaço escolar, para além de momentos pontuais, constitui o próximo passo para efetivar a inclusão.

Desse modo, conclui-se que a adoção de oficinas de Libras voltadas a ouvintes, com enfoque em produção textual, uso de recursos tecnológicos e reflexões sobre a cultura surda, representa uma estratégia que potencializa a alfabetização e contribui para a construção de um ambiente educacional que respeite as diferenças. Ao retomar o objetivo de explorar como a Libras pode ser utilizada de forma integrada no ensino de crianças ouvintes, verifica-se que as propostas aqui relatadas evidenciam caminhos possíveis para uma prática pedagógica situada. Espera-se que futuros relatos aprofundem a discussão, investigando como tais iniciativas

podem dialogar com projetos bilíngues, envolver efetivamente pessoas surdas e consolidar, na escola, o reconhecimento de que a Libras é uma língua minoritária merecedora de pleno espaço, respeito e valorização.

Referências

BRASIL. *Ministério da Educação*. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>

BRASIL. *Resolução no 510*, de 7 de abril de 2016. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Brasília, DF: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>

DALTRO, Mônica; FARIA, Anna. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estud. pesqui. psicol.*, v. 19, n. 1, p. 223- 237, 2019. <https://doi.org/10.12957/epp.2019.43015>

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GESSER, Audrei. Entre a tradição e a necessidade: visões sobre ensinar e aprender a LIBRAS de um professor surdo e suas alunas ouvintes. In: SZUNDY, P. T. C.;

GESSER, Audrei. *O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GESSER, Audrei. *Teaching and Learning Brazilian Sign language as a Foreign Language: a microethnographic description*. Dissertação. Florianópolis: UFSC, 1999.

GIL, Antônio. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIOVANI, Fabiana; SOUZA, Ana Cládia. As linguísticas da alfabetização para muito além do saber ler e escrever. *Fórum Linguístico*, p. 8697-8708, 2023.

ILDEBRAND, Isaías dos Santos. Explorando Múltiplas Linguagens na Alfabetização: produção textual no 3º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. *Revista Querubim* (Online), v. 03, p. 20-30, 2021.

KRESS; Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images*. The grammar of visual design. 2 ed. London: Routledge, 2006.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira da Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 01-11, 2002.

LEMES, Thiago; PAIVA, Cíntia. Libras em Pílulas: Incitando o Interesse Escolar dos Alunos Surdos e Ouvintes em Tempos de Pandemia. *EaD em Foco*, 2021.

LUIZ, Simone; FRONZA, Cátia; ILDEBRAND, Isaías. Formação continuada de professores alfabetizadores: reflexões teóricas e práticas. *Estudos Linguísticos e Literários*, (67), p. 419-445, 2020.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. A Língua de Sinais Brasileira: análise de material didático de

ensino como segunda língua para ouvintes. *Revista Linguasagem*, 7(1), 2009.

VALADÃO, Michelle Nave; ALVES, Sirlala. Abordagem Intercultural no Ensino da Libras para estudantes ouvintes de uma escola inclusiva. *Interletras* (Dourados), v. 7, p. 1-16, 2017.

VALADÃO, Michelle Nave *et al.* Os desafios do ensino e aprendizagem da Libras para crianças ouvintes e suas relações com a educação inclusiva de alunos surdos. *Revista (Con) Textos Linguísticos*, 10(15), p. 125-147, 2016.

Recebido em 29 de janeiro de 2025.

Aceito em 16 de agosto de 2025.